



Mulheres na agricultura urbana da RMSP: iluminando uma realidade *Women in urban agriculture from São Paulo: enlightening a reality*

CAMARGO, Clara¹

Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, clara.camargo@usp.br;

Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Resumo: Este trabalho tem como objetivo avaliar a participação de mulheres agricultoras localizadas na RMSP nos circuitos de Economia Solidária do município de São Paulo. Para isso, visito 03 espaços de comercialização, busco analisar quem são os fornecedores, assim como analiso os dados secundários disponibilizados pelo Cadastro de Agricultores Orgânicos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. A comparação dos resultados sugere uma contradição, pois na lista de fornecedores existe uma quantidade significativa de mulheres, enquanto os dados do MAPA sugerem a maior existência de agricultores do gênero masculino. Tal contradição decorre da dificuldade de acesso à terra pelas mulheres, o que faz com que a visibilidade seja mais masculina por conta das terras estarem geralmente, no nome do companheiro. Por outro lado, as mulheres tem se organizado e realizado espaços para o protagonismo de suas ações, como é o caso da Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres do Butantã.

Palavras-chave: gênero; agroecologia; cidade; São Paulo

Keywords: gender; agroecology; city; São Paulo

Abstract (Opcional): This work aims to evaluate the participation of women's farmers from RSMP that provide organic food at Solidarity Economic Circuits in the city of São Paulo. For that, I visit 03 spaces of commercialization, search for the providers and analyse the data shared by the Ministry of Agriculture. The comparison of the results suggest a contradiction because although there are several women providing food at the stores or fair, there are few women registered at the website. This contradiction is related to the difficulty of access to land by women in Brazil. Usually the land's tenure is on husband's name. On the other side, women have been organized themselves and organized spaces for the protagonism of their actions, just like the Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres do Butantã.

Introdução

Os sistemas alimentares urbanos têm chamado a atenção como tema fecundo para pesquisa e para atuação de agentes públicos estatais e internacionais, bem como de ONGs e agentes privados. Nota-se, contudo, que nesse campo internacional de debates existem lacunas importantes no sentido de incorporar abordagens teórico-conceituais contemporâneas sobre o papel das mulheres, sobre o urbano e o comum, e mesmo sobre o fundamental entendimento que representa a contraposição entre a agroecologia e o agronegócio para a coordenação de sistemas agroalimentares justos e sustentáveis. Somam-se a essas lacunas os entendimentos acerca dos diferentes formatos de distribuição e consumo no qual o sistema alimentar urbano está inserido. Tal reflexão questiona se tais sistemas reproduzem a concentração econômica neoliberal ou se podem ser alternativas ao modelo hegemônico, buscando diluir os

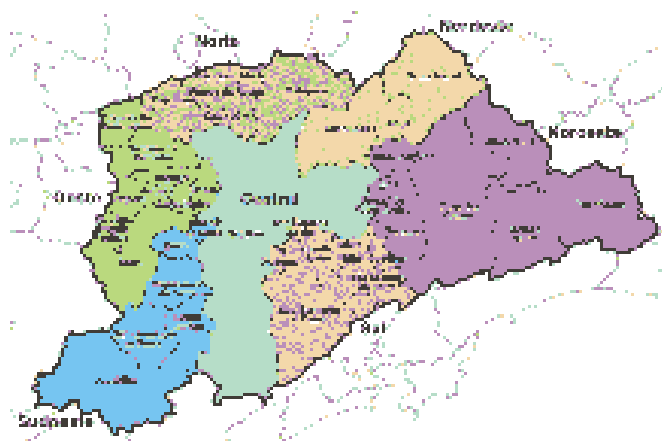


ganhos econômicos e, conseqüentemente o poder por eles exercido, como por exemplo, os circuitos de Economia Solidária.

Muito embora, algumas pesquisas vêm afirmando que as mulheres são protagonistas no desenvolvimento da agricultura urbana e periurbana (DELGADO, 2017; OLARTE, 2004), verifica-se que o trabalho delas é muitas vezes invisibilizado (SILIPRANDI, 2015) por ser compreendido como continuidade do trabalho reprodutivo doméstico. Por outro lado, também evidencia-se que as mulheres agricultoras possuem menos acesso à terra, a recursos naturais e tecnológicos, o que tem por consequência também a invisibilidade do seu trabalho. Nesse sentido, neste artigo busco avaliar quem são as mulheres da agricultura urbana e periurbana da RMSP inseridas nos circuitos de Economia Solidária do município de São Paulo.

Metodologia

Essa pesquisa é uma parte do doutorado em andamento que realizo no Programa de Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo. Seu delineamento é observacional, mais especificamente da observação participante. Foram escolhidos três espaços de comercialização no município de São Paulo que se autodeclaram como espaços de Economia Solidária e Agroecologia. A partir desses espaços, busquei identificar os produtores e produtoras de hortaliças localizados na RMSP.



A partir dessa identificação, estão sendo visitadas as famílias agricultoras que entregam nesses espaços, bem como será realizada uma análise do Cadastro Nacional dos Agricultores Orgânicos organizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). A pesquisa contará com outras etapas, porém, nesse artigo buscarei me limitar a descrever quem são essas mulheres e qual o seu perfil.

Resultados e Discussão

O tema da agricultura urbana e periurbana em São Paulo tem ganhado relevância nos últimos meses. Um dos motivos foi o reconhecimento da área rural do município no



Plano Diretor de 2014 e o prêmio recebido pela Fundação Bloomberg pelo trabalho realizado com os agricultores na região de Parelheiros. A princípio, essa pesquisa não tinha a intenção de estabelecer um recorte de gênero sobre essa realidade, porém me chamou a atenção o fato de que as mulheres são as grandes protagonistas da agroecologia urbana.

Após visitar três espaços de comercialização: o Instituto Chão, o Armazém do Campo e a Feira Agroecológica e Cultural de Mulheres, pude perceber que há fornecedoras mulheres nesses locais. No Instituto Chão, por exemplo, a maior parte das verduras frescas e PANCs são entregues pela Cooperapas - Cooperativa Agroecológica dos Produtores Rurais e de Água Limpa da Região Sul de São Paulo. A organização é presidida por uma mulher e é composta por várias outras cooperadas.

No Armazém do Campo e na Feira, pude encontrar produtos da Zona Norte de São Paulo, mais especificamente, da Comuna da Terra Irmã Alberta, onde as mulheres vem discutindo a luta pela terra no Brasil, bem como desenvolvendo plantios agroecológicos para o autoconsumo da família e comercialização do excedente.

Porém, quando nos deparamos com os dados oficiais essa não é bem a realidade. O cadastro de produtores orgânicos, ferramenta disponibilizada pelo MAPA reúne 272 produtores e/ou distribuidores de alimentos orgânicos localizados na RMSP. Isso significa que esse número representa os empreendimentos certificados por auditoria ou por OPAC (Organismo Participativo de Avaliação da Conformidade) ou que fazem parte de OCS (Organização de Controle Social).

A partir do cadastro, pude verificar que desses 272 empreendimentos, 60 são empresas com CNPJ, 130 são agricultores homens e 53 são agricultoras mulheres. Além disso, há 29 nomes duplicados que podem ser explicados por terem mais de um tipo de produção, variando entre produção primária vegetal, produção primária animal, processamento de origem vegetal e processamento de origem animal.

As tabelas 1 e 2 nos ajudam a refletir sobre esses números.

Categoria	Quantidade	Porcentagem
Homens	130	53,5%
Mulheres	53	21,8%
Empresas	60	24,7%
Total	243	100,0%

Tabela 1. Divisão por gênero e por empreendimento

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Pode-se perceber que os homens representam 53,5 % dos nomes cadastrados como produtores de orgânicos na RMSP, enquanto as mulheres representam 21,8%, menos da metade. Pode-se avaliar que esses números refletem uma desigualdade bastante presente no Brasil que é a relativa à posse da terra.



De acordo com o relatório lançado pela OXFAM,

A desigualdade fundiária no Brasil também reforça a desigualdade de gênero. São os homens que controlam a maior parte dos estabelecimentos rurais e estão à frente dos imóveis com maior área: eles possuem 87,32% de todos os estabelecimentos, que representam 94,5% de todas as áreas rurais brasileiras. No outro extremo, as mulheres representam quase o dobro do número de produtores rurais sem posse da terra em comparação aos homens – 8,1% frente a 4,5%, respectivamente. Ao mesmo tempo, as mulheres são, proporcionalmente, mais frequentes do que os homens nos estabelecimentos com áreas menores de 5 hectares (2016, p. 10).

Conclusões

Os resultados até o momento sugerem uma contradição inerente ao mundo do trabalho das mulheres: a sua invisibilidade. Quando parto dos dados empíricos e das pessoas que conheço ao longo da realização do campo desta pesquisa, percebo que há muitas mulheres envolvidas na produção agroecológica urbana e periurbana na RMSP. Porém, quando olho para os dados oficiais, percebo que a participação das mulheres é bem menor do que a realidade. Tal contradição reside no fato de as mulheres terem menos acesso à posse da terra e, por isso, a produção acaba ficando no nome do seu companheiro e também como um reflexo da divisão sexual do trabalho que naturaliza o papel das mulheres enquanto as trabalhadoras domésticas e de cuidados, enquanto os homens ficam responsáveis pelo trabalho fora de casa e gerador de renda. No caso, a comercialização da agricultura estaria mais próxima ao trabalho masculino. Porém, especialistas afirmam que a Economia Solidária abre perspectivas para a inclusão de mulheres agricultoras (NOBRE, 2015, p. 14), afirmação que será avaliada ao longo dessa pesquisa.

Agradecimentos

À Capes pelo apoio financeiro à realização dessa pesquisa

Referências bibliográficas

DELGADO, C. **Agricultura urbana, espaço de protagonismo feminino: dinâmicas e potencialidades.** Revista Faces de Eva, Lisboa: 2017.

NOBRE, M. **Economia Solidaria y Economia Feminista: Elementos para uma agenda.** In: Las mujeres en la construcción de la economía solidaria y la agroecología. SOF; São Paulo: 2015

OLARTE, M. **Cuando las mujeres decidieron cultivar los huertos.** In Revista de Agricultura Urbana. Ed Gênero e Agricultura. Disponível em < <https://www.ruaf.org/sites/default/files/12compleet.pdf>>, 2004.



SILIPRANDI, E. **Mulheres e agroecologia:** a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar. 291 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, UnB, Brasília, DF, 2009.